

## O DIÁLOGO BÍBLICO EM “A CRISTÃ NOVA”, DE MACHADO DE ASSIS<sup>1</sup>

Audrey Ludmilla do Nascimento Miasso  
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)  
audreyludmilla@gmail.com

**RESUMO:** Machado de Assis estabelece um forte diálogo com diferentes autores no início de sua carreira. Isso se dará especialmente na forma das epígrafes que acompanham seus poemas, as quais eram assinadas por autores diversos, como Homero, Dante, Mickiewicz, Victor Hugo, Mme. de Staël, Filinto Elísio, Almeida Garrett, Shakespeare, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias e tantos outros. São trinta e uma epígrafes distribuídas nas *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870) e *Americanas* (1875). Machado, que é apontado por seus biógrafos como um ávido leitor do Eclesiastes, não excluiu de suas epígrafes os textos bíblicos. Nelas há espaço para o Gênesis, os Cantares de Salomão, Naum e Mateus. O que faz de “A cristã nova”, poema das *Americanas*, uma composição interessante para a observação do texto bíblico nos poemas machadianos é o fato de o próprio título do poema sugerir certa cristandade acrescentada de adjetivo que a modifica, nova. Somamos a isso, principalmente, a epígrafe recortada de Naum e o Salmo 136 posto, no interior do poema, na boca de um velho judeu. Buscamos, nesse trabalho, estudar o diálogo que o poema de Machado estabelece com os textos da Bíblia que o cercam na tentativa de melhor enxergar a costura feita no poema.

**PALAVRAS-CHAVE:** Machado de Assis. *Americanas*. “A cristã nova”. Epígrafe. *Bíblia*.

Não é novidade para os estudos machadianos que, aquele que hoje é conhecido especialmente por sua obra em prosa, tenha iniciado a carreira escrevendo versos. Machado estreou nas letras publicando o soneto “À Ilma. Sra. D.P.J.A” no *Periódico dos Pobres*, em 1854. Depois disso foram sucessivos poemas publicados nos periódicos da época até que em 1864 viesse a público seu primeiro livro de poemas, *Crisálidas*.

Ao longo de sua carreira, Machado publicou versos dispersos, mesmo quando já era conhecido pelo trabalho na prosa, e quatro livros de poemas: *Crisálidas*, *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Poesias Completas* (1901), esse último era a reunião de poemas escolhidos dos livros anteriores mais o volume inédito chamado *Ocidentais*. Apesar de a maior parte dos estudos sobre a obra machadiana se debruçar sobre o prosador, os olhares estão aos poucos se voltando para o poeta, seja na tentativa de conhecer mais sobre a formação e a juventude do escritor, seja na busca por elementos da prosa que já estavam naquela poesia primeira. A respeito do embate entre poeta e prosador, Manuel Bandeira já assinalara com assertividade em ensaio de 1939 que “É um perigo para o poeta assinalar-se fortemente nos domínios da prosa. Entra ele nesse caso numa competência muito mais ingrata que a dos seus confrades: a competência consigo próprio.” (BANDEIRA, 1962, p. 11).<sup>2</sup> Com

<sup>1</sup> Este trabalho recebe apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

<sup>2</sup> No *Jornal do Comércio* de 21 de maio de 1901, no artigo *Poesias Completas – O Sr. Machado de Assis, poeta*, José Veríssimo destaca: “(...) E quer como prosador, quer como poeta, não o é por nenhuma extravagância de pensamento ou de estilo, mas somente pela originalidade do seu engenho, pela singularidade do seu temperamento. Como se diz de outros: é um caráter, numa acepção que todos entendem, pode-se dizer do Sr. Machado de Assis, mais do que de qualquer dos nossos prosadores e poetas: é um temperamento” (REIS, 2009, p. 728). J. dos Santos concorda com Veríssimo quando escreve o artigo intitulado *Crônica literária* e publicado n’A notícia de 25-26 de maio de 1901: “(...) Veríssimo não foi um louvador incondicional; soube explicar porque o mais puro e perfeito dos nossos prosadores não tem no seu lirismo a exuberância um pouco desordenada de

relação aos nossos estudos em relação a Machado, acreditamos, sobretudo, na completude do autor antes de sua fragmentação em poeta ou prosador. Nesse sentido, o estudo dos poemas colabora, especialmente, para visão de um Machado completo, da juventude à maturidade, de modo que para o estabelecimento do grande escritor, sem dúvida, foram necessários anos de experimentação e formação, os quais se deram especialmente via poesia.

A temática dos três primeiros livros de poemas de Machado de Assis é sobretudo romântica. Há espaço para temas amenos, para um amor idealizado, para virgem pálida, para a religião e para o labor poético. No exercício dos primeiros versos nos chama atenção um elemento paratextual bastante característico do romantismo e que, nesse início de carreira, pode ter servido a Machado como apoio e inspiração para os versos: a epígrafe. Ao longo das *Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas*, são 31 epígrafes que vão de Dante à Mickiewicz, passando por Shakespeare, Camões, Hugo, Madame de Staël, Cervantes, Longfellow, Gonçalves Dias, Basílio da Gama, Filinto Elísio e outros. Nesses outros encontraremos com alguma recorrência versículos bíblicos. Não só a temática religiosa, como em “Fé”, poema das *Crisálidas*, estará presente na obra poética machadiana, mas o próprio diálogo com o texto bíblico. Machado, que é conhecido como um ávido leitor do Eclesiastes, não poupou seus versos de epígrafes retiradas da *Bíblia*.<sup>3</sup> No primeiro livro de poemas, “Sinhá” e “O dilúvio” trazem epígrafes d’Os Cantares de Salomão e do Livro do Gênesis, respectivamente. Nas *Americanas*, as epígrafes serão de Naum e Mateus para os poemas “A cristã nova” e “Os semeadores”, respectivamente. Assim, ficou livre de epígrafes bíblicas somente as *Falenas*, já que as *Ocidentais* não trazem poemas epigrafados, o que reforça a nossa hipótese de que a epígrafe tenha servido aos poemas machadianos apenas no início da carreira, como uma espécie de suporte ou apoio para a escrita dos versos.

Para essa discussão optamos por trabalhar com os versos de “A cristã nova”, poema das *Americanas*. Apesar do título, não podemos entender esse livro de poemas machadianos na mesma linha dos poemas ufanistas do romantismo brasileiro. Machado tinha um modo bastante particular e pertinente de entender o nacionalismo na literatura e já expressara essa posição em 1858, num dos seus textos mais conhecidos de crítica literária: “O passado, o presente e o futuro da literatura brasileira”, publicado n’A *Marmota*. Nesse ensaio, Machado toma uma posição arriscada para a época em que se respirava o nacionalismo caricato impregnado na cor local quando diz que “a poesia do *boré* e do *tupã*, não é a poesia nacional” (AZEVEDO, DUSILEK, CALIPO, 2013, p. 62, grifos do autor) e questiona o que teriam os brasileiros dos oitocentos em comum com aquela raça. A mesma ideia, com maior elaboração, é trazida em 1873, dois anos antes da publicação das *Americanas*, na “Notícia da atual literatura brasileira”: “É certo que a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo algum; e isso basta para não ir buscar entre as tribos vencidas a nossa personalidade literária” (Id. *ibid.*, p. 431). Machado não condena o indianismo na literatura brasileira, mas condena o fato de ele ser, por vezes, tomado como um “exclusivo

---

quase todos os poetas de sua geração”. E ainda no mesmo artigo, o autor recomenda: “Quem conhece o prosador maravilhoso que escreveu estas três obras primas: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, deve ler as suas *Poesias completas*. Só assim verá o seu talento sob todos os aspectos” (REIS, 2009, p. 736-737).

<sup>3</sup> Segundo o inventário levantado por Massa em *A biblioteca de Machado de Assis* (2001), nas prateleiras machadianas constava *A Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento*, de 1866, cuja tradução teria sido feita segundo a vulgata latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Não podemos afirmar que a leitura específica dessa tradução da *Bíblia* teria influenciado as composições machadianas (mesmo porque as composições das *Crisálidas* são anteriores a 1866), mas, na tentativa de nos aproximarmos do texto bíblico com o qual Machado poderia ter estabelecido contato, para esse estudo utilizamos a mesma versão da *Bíblia* que constava na biblioteca machadiana, com a mesma tradução, também publicada em Londres, porém, de dois anos antes 1864 (não encontramos a publicação de 1866 para consulta).

patrimônio” da literatura nacional. Como afirmara no mesmo ensaio, “tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as condições do belo ou os elementos de que ele se compõe” (Id. *ibid.*, p. 431). Na “Advertência” das *Americanas*, Machado reforça sua posição com relação ao que deve ser matéria de poesia quase que repetindo o que dissera no ensaio de crítica: “(...) tudo pertence à invenção poética, uma vez que traga os caracteres do belo e possa satisfazer as condições da arte” (ASSIS, 1875, s/p). Desse modo, a reunião de poemas sob o título de *Americanas* nos mostra uma reunião de composições com o belo e que tinham como denominador comum a americanidade e não exclusivamente a cor local das nossas matas e dos nossos índios. O poeta, que já havia sido cobrado pela crítica da falta de cor local nos poemas dos livros anteriores, com precaução adverte que não se deve entender que tudo o que estava naquele livro de 1875 era relativo aos “nossos aborígenes”, pois “ao lado de *Potira* e *Niani*, por exemplo, quadros da vida selvagem, há *Cristã Nova* e *Sabina*, cuja ação é passada no centro da civilização” (Id. *ibid.*, s/p, grifos do autor).

Como Machado alertara na “Advertência”, “A cristã nova” não se passa no interior das matas brasileiras, mas é uma composição que traz nos versos a recente urbanização da baía de Guanabara. Além da epígrafe bíblica, nos chamou a atenção especialmente o modo como no interior do poema as referências bíblicas são evocadas repetidas vezes. O trabalho com esse poema não é novo nos estudos poéticos machadianos, Anitta Novinsky (2008) já empreendera interessante análise sobre ele no ensaio “O olhar judaico em Machado de Assis”. Os estudos da professora e pesquisadora nos serviram de apoio para o entendimento do poema, especialmente no que diz respeito à condição dos judeus no Brasil do século XVIII, período narrado pelo poema, porém, nossa análise busca, nesse momento, os diálogos com o texto bíblico que os versos machadianos estabelecem e é nesse diálogo que pautaremos a análise.<sup>4</sup>

“A cristã nova” é um poema de 684 versos, um dos mais longos impresso nas *Americanas* e publicado também nas *Poesias Completas* com algumas alterações pouco relevantes. Machado gentilmente nos cede a fonte de sua epígrafe com exatidão, trata-se do livro bíblico do antigo testamento, escrito pelo profeta Naum. O trecho recortado por Machado está no terceiro capítulo do livro de Naum e é parte do décimo versículo. O versículo inteiro seria: “Isto não obstante, essa mesma foi levada cativa para uma terra estranha: os seus pequeninos foram machucados no topo de todas as ruas, e sobre os nobres dela deitaram sortes, e todos os seus grandes Senhores foram carregados de ferros” (NAUM 3, 10). O livro de Naum conta um tempo de nacionalismo violento, no qual a Assíria, grande opressora de Israel, cai. A escolha da epígrafe revela que o casamento entre os textos não se dava por acaso. Esse poema contará a história de Ângela, “recente cristã”, que por amor ao pai, que está entre a fé judaica e o novo cristianismo, entrega-se à morte no Tribunal do Santo Ofício, depois de ter passado pela aflição de ver seu amado lutar na batalha ao lado dos portugueses contra os franceses que invadiam a baía de Guanabara. A epígrafe não apenas antecipa o cativo de Ângela, mas se assemelha ao poema na luta entre nações.

Os versos do poema são hexa e decassílabos e estão distribuídos assimetricamente nas estrofes que compõem as duas partes do poema. A primeira das partes conta com nove estrofes e a segunda, dezenove. Os versos são brancos. Como foi recorrente nas *Americanas*, as estrofes são numeradas com algarismos romanos e há uma nova folha para cada estrofe que se inicia. Pela extensão do poema, não faremos uma análise estrofe a estrofe. Nesse poema cuidaremos especialmente das passagens que deixam rastros de lugares e personagens bíblicos

---

<sup>4</sup> Machado, a acreditar na hipótese levantada por Arnaldo Niskier (2015), poderia ter se solidarizado à dor da perseguição dos judeus por sua própria condição de mulato em meio a uma sociedade escravocrata. Além disso, na obra poética machadiana podemos citar, ainda, o poema “Antônio José”, que compõe as *Ocidentais*, uma cara homenagem ao dramaturgo Antônio José da Silva, chamado O Judeu. A respeito da relação entre Machado de Antônio José, consultar Pereira (2011).

e alguns da história do Brasil. Há no poema, inclusive, um salmo inteiro, poeticamente recriado.

A primeira referência à *Bíblia* retomará a própria epígrafe do poema e está logo nos quatro primeiros versos da segunda estrofe: “Assim talvez nas solidões sombrias / Da velha Palestina / Um profeta no espírito volvera / Às desgraças da pátria (...)” (ASSIS, 1875, p. 65). Naum, que serve de epígrafe ao poema, é justamente esse profeta que cantou as desgraças de sua pátria. Poucos versos depois, na mesma estrofe, teremos a menção à Cedron, um vale próximo à Jerusalém que se enchia de água. O vale é retomado para acentuar a desgraça da pátria que viu “morrer as flores”. Na estrofe seguinte, o Cedron brasileiro será Guanabara e teremos, então, o poema situado em solo nacional. Guanabara será a terra de “toda essa vida que morreu” (ASSIS, 1875, p. 68). Nesse verso, o eu poético se refere aos antigos habitantes da região, o “antigo povo” das “incultas terras”, os indígenas brasileiros. Até esse momento do poema, o leitor apenas encontra o pai de Ângela, a cristã nova que é denominada no poema “recente cristã”. Ângela e o pai em vários momentos do poema trarão a contradição entre o velho e o novo, entre a desesperança e tristeza do pai e a esperança e alegria da filha. A paisagem descrita na primeira estrofe sob o olhar do velho com tristeza é trazida na sexta estrofe, nas palavras de Ângela, com formosura.<sup>5</sup>

A quarta estrofe apresenta Ângela ao leitor. Seu nome só aparecerá na sétima estrofe, mas já podemos pensar sobre seu significado. O nome Ângela significa “anjo”, o que parece ser um nome apropriado para uma cristã. Além disso, o cristianismo se desenvolve de tal modo na “recente cristã” que ela será caracterizada por meio da referência a duas mulheres fortes e belas da *Bíblia*. A primeira delas será a esposa de Salomão, do “Cântico dos cânticos”, ou “Cantares de Salomão” em algumas traduções, da qual o nome não nos é revelado no texto bíblico. No poema, Ângela é “bela como a açucena dos Cantares” (ASSIS, 1875, p. 69), nos “Cantares”, a enamorada de Salomão é “(...) a flor do campo, a açucena dos vales” (CÂNTICO 2, 1).<sup>6</sup> A beleza e formosura da moça, adiante, no mesmo parágrafo, serão superiores às de Ruth, personagem bíblica caracterizada pela sua beleza e bondade, pois após ter ficado viúva, ela não voltou para casa dos pais, mas permaneceu com sua sogra e se casou com Booz (que também aparece na estrofe, em algumas traduções, Boaz), a fim de ter meios para sustentar a si e à sogra. Novinsky aponta a esse respeito em sua análise que “Ângela é bela e virgem, é a própria Ruth bíblica” (NOVINSKY, 2008, p. 55). Nova referência aos “Cantares” estará na sétima estrofe dessa primeira parte, quando o pai se refere à filha como “lírio dos vales”. Curiosamente, em algumas traduções da *Bíblia* que circulavam pelo século XIX, a “açucena dos vales” dava lugar ao “lírio dos vales”. Assim, na tradução de Antônio Pereira de Figueiredo, no primeiro versículo do segundo capítulo dos “Cantares”, encontramos a “açucena dos vales”; já na tradução do padre João Ferreira A. D’Almeida n’A *Bíblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento* (1860), a açucena no mesmo capítulo e versículo dos “Cantares” é “lírio dos vales”.

A grande referência que marcará a religião do velho e da sobrinha estará na sétima estrofe. Depois de Ângela perguntar como os povos viviam naquela terra, o velho começa uma longa resposta que toma a maior parte da estrofe. Ele fala sobre aquele “povo que acabou” e que tem suas “reliquias” na mata, que é onde o “nome de Tupã” pode ser confessado. Mas antes que tudo fosse ruína, há um longo tempo aquela terra era “bela e forte”

<sup>5</sup> A fim de dar mais clareza a análise, vale lembrar que o Santo Ofício perseguiu durante o século XVIII os judeus e cristãos novos (como eram chamados os judeus recém convertidos ao cristianismo ou aqueles cujos antepassados eram judeus). Esse é um capítulo ainda inacabado da história brasileira, como assinala Novinsky (2008).

<sup>6</sup> Lembremo-nos que o “Cântico dos cânticos” já serviu de epígrafe à poesia machadiana nas *Crisálidas*, em “Sinhá”.

e tinha para nutrir os sonhos do profeta, “flor de trigo e mel”. O trigo e o mel aparecem em várias passagens bíblicas para indicar fartura. No “Antigo Testamento” o profeta Jeremias narra a súplica para que Ismael não mate os judeus, dentro da justificativa está a fartura da terra: “(...) não nos mates: porque temos no campo tesouros de trigo, e de cevada, e d'azeite, e de mel” (Jeremias 41, 8). A súplica é em vão, “(...) é morta / Jerusalém!” (ASSIS, 1875, p. 77). Parece não fazer sentido a referência a um Evangelho no discurso de um judeu, já que a Torá não traz o livro do profeta Jeremias. Todavia, essa incongruência é sanada na estrofe seguinte, quando vemos que o ancião ouvia tanto a “palavra da Lei” quando o “Evangelho”, de tal modo que na nona estrofe ele provavelmente estará a ler a *Bíblia* cristã, pois cita o Salmo 136 e os Salmos também não compõem a Torá. O discurso do velho caminha para a definição da sua fé judaica quando relembra as glórias de Israel salva por Moisés. Nesse instante é interrompido pela filha que afirma sua fé em Cristo.

O passeio do pai de Ângela pelas duas fés marcam sua falta de posição, já não era de todo judeu, tão pouco havia sido completamente convertido ao cristianismo. Isso será dado pelo poema na estrofe seguinte, na qual o eu poético nos diz que aquela “alma infeliz nem toda era de Cristo, / Nem toda era de Moisés (...)” (ASSIS, 1875, p. 78). Assim, parece que o ancião estava no meio termo, o que será expresso também pelas escrituras sagradas, já que ele ouvia com atenção a “palavra da Lei”, tal qual o “povo eleito” (popularmente os judeus) de outrora, mas o “Evangelho” também tomava seu peito. Os judeus têm como Palavra de Deus a Torá,<sup>7</sup> não a *Bíblia* cristã composta pelos Evangelhos, daí a composição de tais versos e a presença da conjunção adversativa “mas” no sexto verso, para acentuar a diferença dos dois livros. Ademais, sabemos que o ancião confirmará sua fé no judaísmo, pois será morto em nome dela no final do poema. A ambiguidade de um judeu/recente cristão bastante conhecedor do Evangelho estará marcada explicitamente na nona estrofe, na qual o velho lê um Salmo, a saber, o 136. A maior parte da estrofe é a recriação poética do Salmo, que finalizará a primeira parte do poema.<sup>8</sup> Para esse trecho do poema, onze estrofes, a estrutura é alterada. São dez tercetos e um quarteto, todos decassílabos e com esquema de rimas alternadas. O cuidado na estrutura revela o apreço pelo texto bíblico. Um olhar de correlação versículo a verso poderia ser exaustivo, já que o Salmo está todo recriado no poema, mas podemos citar trechos do poema bastante marcados pelo Salmo, como os versos: “Jerusalém, se inda num sol futuro, / Eu desviar de ti meu pensamento” (ASSIS, 1875, p. 81), que estão no Salmo no versículo quinto: “Se me esquecer de ti, Jerusalém” (Salmo 136, 5). Adiante, é dada a sentença para o caso de tal esquecimento acontecer. No poema: “(...) apegue-se à garganta / Esta língua infiel, se um só momento // Não me lembrar de ti” (Id. *ibid.*, p. 81); e no Salmo: “Fique pegada a minha língua às minhas faces, se eu me não lembrar de ti” (SALMO 136, 6).

Já no início da segunda parte do poema teremos menção ao Criador e a Cristo. O Criador será trazido como aquele que envia o sol para renovar a juventude da natureza. O Cristo estará entre a “recente cristã” e seu amante nos pensamentos dela de moça enamorada.

<sup>7</sup> Em hebraico, Torah significa Lei, daí a “palavra da Lei” a que o eu poético se refere no quinto verso dessa oitava estrofe.

<sup>8</sup> Salmo 136: “Salmo de David, para Jeremias. 1 JUNTO dos rios de Babilônia, ali nos o assentámos e pusemos a chorar: lembrando-nos de Sião. 2 Nos salgueiros que há no meio d'ela, penduramos nossas harpas. 3 Porque ali nos pediram os que nos levaram cativos, palavras de canções: e os que por força nos levarão, disseram: Cantai-nos um Hino dos Cânticos de Sião. 4 Como cantaremos o Cântico do Senhor em terra alheia? 5 Se me esquecer de ti, Jerusalém, a esquecimento seja entregue a minha direita. 6 Fique pegada a minha língua às minhas faces, se eu me não lembrar de ti. Se não me propuser a Jerusalém, como principal objeto da minha alegria. 7 Lembra-te, Senhor, dos filhos de Edom no dia de Jerusalém: os que dizem: Arruinai, arruinai nela até os fundamentos. 8 Filha desastrada de Babilônia : bem-aventurado o que te der o pago que tu deste a nós-outros. 9 Bem-aventurado o que apanhar às mãos, e fizer em pedaços numa pedra teus tenros filhos” (SALMOS 136, 1-9).

Nessa segunda parte as referências bíblicas estarão ao lado das históricas, pois é nessa parte que será narrado o combate entre portugueses e franceses. Esses últimos estão na terceira estrofe da segunda parte e teriam vindo para “cobiçar a pérola mimosa”. Desde o século XVI até o início do XIX várias batalhas entre portugueses e franceses foram travadas na região da baía de Guanabara. Os franceses reivindicavam o domínio do território. A batalha de que trata o poema é a que se deu em 1710, na qual os franceses eram liderados pelo corsário Jean-François Duclerc (?-1711). O “atrevido Duclerc” está no décimo verso dessa estrofe, ele luta contra o capitão Bento do Amaral da Silva (?-1711), que lidera a tropa portuguesa da qual faz parte Nuno, o amado de Ângela. No poema, o “ardido Bento” está no segundo verso da nona estrofe da segunda parte. A acreditar nos adjetivos que os comandantes recebem, podemos inferir que a batalha fora cruel.

Nuno procura Ângela para se despedir antes de começarem as batalhas. Ele é surpreendido pelo pai da moça que pede que não lhe tire a filha daquele derradeiro instante. Nesse curto diálogo, Nuno se revela também cristão e reconhece um toque de cristianismo no ancião em suas últimas palavras: “o sangue velho e impuro lhe trocaram / Pelo sangue de Cristo” (ASSIS, 1875, p. 92). Nuno era um cristão velho, isto é, suas raízes desde os antepassados foram calcadas na fé cristã. Sucede o diálogo um quadro “delicioso e solene” de despedida. O aconchego de Ângela para com o pai e o amante é comparado à tenda que agasalhava Isaac, o filho de Abraão e Sara, que constitui nova referência bíblica para o poema.

A cruenta batalha se dá. A fim de não perder “pátria e noiva”, Nuno luta com afinco, “soam / Enfim os gritos de triunfo (...)” (ASSIS, 1875, p. 104), os portugueses são vitoriosos. Nuno volta à casa da amada, mas logo percebe um ar de morte. Ângela celebra que seu amado esteja vivo e pede que salve seu pai. Depois de escutar a súplica da amada, Nuno pergunta o que “ousado braço” ameaçava a vida do ancião. No poema, responde a Nuno uma “cavernosa voz”, que julgamos ser de algum dos homens do Santo Ofício que teriam ido até a casa de Ângela para prender seu pai, o judeu/cristão novo. A voz responde: “o santo ofício”. Trata-se do Tribunal do Santo Ofício, que torturava e matava aqueles que não seguissem a fé católica. Em suas últimas palavras o velho ainda se refere a Deus. Primeiro ele se dirige a Nuno, entregando-lhe a “desvalida filha” para que juntos relembrem o “pobre nome” dele e abrandem a “cólera do Senhor”. No segundo momento, ironicamente o velho pede que partam, pois ele teria sido negado por “Aquele” que permite que a “árvore anciã” perca suas folhas. Notemos que ao se referir a Deus como “Aquele”, o ancião faz pouco da fé cristã.

Ângela, aterrorizada, deixa sua fé cristã, e pelo pronome possessivo, chama a fé judaica de “nossa fé”, “(...) a fé que anima / o povo eleito” (ASSIS, 1875, p. 113). A moça se inclui, assim, no povo eleito e parece, ainda, fazer uma crítica cifrada às mortes causadas pelo Santo Ofício ao mesmo tempo que, referindo-se a Israel, reforça sua fé agora judaica, pois diz que “Israel tem vertido / Um mar de sangue (...)” (ASSIS, 1875, p. 113). O discurso da filha era apenas para não permitir que o pai morresse sozinho, ela ainda repetia, mas baixo, o nome de Jesus na décima sexta estrofe. Também baixo, “dentro de si”, o velho recorre a Jesus, o Nazareno, para que o ancião e a filha sejam acolhidos na eternidade. O poema terminará recordando Ângela pelo significado de seu nome, ela é o “anjo” ao qual o eu poético se refere no final da última estrofe do poema, o anjo que viera da “região celeste” para o abismo e que, voltara, “de novo à esfera luminosa e eterna” (ASSIS, 1875, p. 121). Tal esfera é denominada pátria de Ângela pelo eu poético, o que nos leva à possibilidade de interpretar de duas maneiras a epígrafe do poema. Ângela seria “cativa” por ter sido presa pelo Santo Ofício, mas também teria sido cativa por ter sido um anjo da “região celeste” que veio “pairar sobre o abismo” terreno, mas que, agora, estaria livre, já que voltara à “esfera luminosa e eterna”.

Desse modo, ao ser feita cativa, Ângela era também liberta e como anjo, não poderia ter tido seu amor com Nuno concretizado.

“A cristã nova” nos revela um poema todo embebido do livro fonte de sua epígrafe. As referências à *Bíblia* povoam o poema a partir da epígrafe escorrem pelas estrofes, combinando as paisagens bíblicas com as brasileiras, já que elas partilhavam de um momento de dor e crueldade. Além disso, a epígrafe do texto bíblico combina perfeitamente com um poema que trata de uma cristã que “foi levada cativa” pelo Santo Ofício para terra estranha. Desse modo, Machado costura paisagens, nomes, textos da *Bíblia* ao seu poema, a fim não só de marcar a fé de Ângela e seu pai, ou a situação dos recente cristãos em terra brasileira, mas, sobretudo, para dar ao leitor as referências exatas para o entendimento e compreensão dos versos.

## **BIBLIOGRAFIA:**

A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de Antônio Pereira de Figueiredo. Londres: Bpottiswood e Cia., 1864.

A BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira A. D’Almeida. Nova York: Sociedade Americana da Bíblia, 1860.

ASSIS, M. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1864.

\_\_\_\_\_. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier: 1870.

\_\_\_\_\_. *Americanas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875.

\_\_\_\_\_. *Poesias Completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

AZEVEDO, S. M.; DUSILEK, A.; CALLIPO, D. M. (Org.). *Machado de Assis: a crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

BANDEIRA, M. Machado de Assis poeta. In: *Obra Crítica*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962.

JOBIM, J. L. (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

NISKIER, A. *Machado de Assis e os judeus*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=209&infolid=258&tpl=printerview>>. Acesso em: 11 maio 2015.

NOVINSKY, A. W. *Machado de Assis: os judeus e a redenção do mundo*. São Paulo: Documenta Histórica; Humanitas, 2008.

PEREIRA, K. M. A. Machado de Assis e a Inquisição: diálogos de um Bruxo com um Judeu. *Anais do SILEL*. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

REIS, R. Q. (Org.). *Machado de Assis: a poesia completa*. São Paulo: EdUSP; Nankin, 2009.